



## LANCAMENTO

# BRASIL/ÁFRICA: FRONTEIRAS INDISSOCIÁVEIS

Num momento em que a história da África e dos africanos passa a ser obrigatória nos ensinamentos fundamentais e médios, iniciativas como a das organizadoras do livro *Brasil/África - como se o mar fosse mentira* devem ser altamente valorizadas. A variedade de temas e a erudição com a qual, em geral, são tratados, fornecem grande material de reflexão sobre a disciplina de história da África, a despeito da diferente qualidade dos artigos, ensaios e poemas que compõem o livro.

A leitura da obra trouxe-me distintas sensações, ambas diretamente ligadas à sua grande multiplicidade e heterogeneidade constitutiva. A primeira delas refere-se à dificuldade de apresentar ao leitor, em poucas palavras, um empreendimento

**SERVIÇO** *Brasil/África: como se o mar fosse mentira*, de Rita Chaves, Carmen Secco e Tânia Macêdo (orgs.). São Paulo. Ed. Unesp, Luanda, Angola: Chá de Caxinde, 2006.

tão vasto, que contém artigos de história e crítica literária, além de ensaios e poemas. Essa é uma característica do livro explicitada no prefácio: a coletânea apresenta “uma certa falta de unidade entre os textos, percorrendo terrenos variados, procurando dar conta da rede de contatos, do passado à contemporaneidade, voltando-se alguns para a África que permanece no Brasil, ou para os problemas vividos pelos descendentes dos que viveram o tristíssimo capítulo da escravidão”.

Essa mesma diversidade, em contrapartida, traz à tona uma segunda sensação de grande prazer, ao oferecer múltiplas leituras sobre as relações entre África e Brasil e, junto com isto, certamente uma ampliação do repertório do leitor, dificilmente versado de antemão em tantos campos do conhecimento.

O livro divide-se em três partes. A primeira delas composta de dois breves ensaios. O de Alberto da Costa e Silva, diplomata de carreira e estudioso de fôlego da história da África e de suas relações com o Brasil, que relata a memória de sua primeira visita à cidade de Lagos na Nigéria, e o segundo, do músico Martinho da Vila, ressaltando a importância da influência da música africana em diversas expressões rítmicas brasileiras. Este segundo texto introduz um dos sentidos que per-

meiam todo o livro: a interinfluência constante entre as duas margens do Atlântico sul.

A segunda parte, composta por diversos textos de maior densidade acadêmica, apresenta estudos de crítica literária e de história sempre tendo como tema principal esta via relacional entre África e Brasil. Como exemplo, os artigos de Rita Chaves, Tânia Macêdo, Marcelo Bittencourt, Elisalva Dantas e Carmen Secco trabalham, em linhas gerais, com relações entre as literaturas brasileira e africanas de língua portuguesa. Tais autores fornecem elementos para compreender a apropriação criativa de temáticas ou autores brasileiros por parte de autores africanos, mas sempre considerando os espaços contextuais de sua produção, com destaque para o processo de luta pela independência nesses países. Em especial o artigo de Rita Chaves mostra como escritores de Angola, Cabo Verde e Moçambique, ao longo do século XX, *criam* suas próprias raízes nativistas ainda que tenham usado imagens utópicas de um Brasil liberto.

Já Tânia Macêdo procura mostrar, na literatura africana, a presença do “malandro” – um *tipo social* que com frequência julgamos exclusivamente brasileiro, e realiza, dessa forma, uma aproximação entre as sociedades dos dois lados do Atlântico, demonstrando que ambas, marcadamente excludentes, configuram o terreno para a presença desse tipo social, que sobrevive nas brechas sociais, à margem da ordem. Dois dos artigos voltados para o estudo histórico também podem ser

tomados como exemplo da pertinência da temática do livro. Milton Gurán e Flavio Gomes preocupam-se com a configuração de identidades de grupos populacionais em ambas as margens do Atlântico. Gurán aborda as especificidades da formação do grupo de “brasileiros” no Benim, passando por diversos períodos históricos, desde o período do tráfico escravo até a contemporaneidade, e ressalta a importância da experiência dos escravos em terras brasileiras como elemento importante para a formação de laços identitários na África. Praticamente no sentido inverso, Flavio Gomes apresenta um estudo sobre a reconfiguração das identidades étnicas africanas em cidades brasileiras, levando em consideração não apenas as diferentes origens culturais africanas dos escravos mas, também, o espaço de sua ressocialização no contexto escravista brasileiro.

Finalmente, a terceira parte é de poemas que, de alguma forma, sintetizam as percepções expostas ao longo do livro, mostrando ao leitor o quão indissociáveis são as duas margens do Atlântico. A idéia central é que as duas margens atlânticas devem ser vistas como fronteiras porosas, plenas de trocas e relações, e a compreensão de cada uma delas só se faz possível com o conhecimento de ambas. Assim, apesar da possibilidade o *mar como mentira*, é preciso refletir numa nova dimensão atlântica, considerando o próprio oceano como espaço privilegiado de constituição de histórias africanas e brasileiras.

Alexsander Gebara

## CINEMA

### MONSTRO BRASILEIRO REVIVE EM 3D

Uma cópia digital em terceira dimensão do filme *O monstro da lagoa negra* (1954), de Jack Arnold, foi exibida no penúltimo dia do X Encontro da Sociedade Brasileira de Estudos de Cinema (Socine), que ocorreu em outubro passado na cidade mineira de Ouro Preto. A exibição contou com a apresentação de Leonardo Andrade, professor da Universidade Federal de São Carlos (Ufscar) e diretor da restauração digital do filme em 3D. O resultado pôde ser conferido pelo público da Socine, que reagiu com bom humor às investidas do monstro “fora” da tela.

*O monstro da lagoa negra* é um dos filmes de ficção científica mais interessantes dos anos 1950. A estória se passa na Amazônia brasileira, quando um grupo de cientistas americanos chega à “Lagoa Negra” para investigar uma curiosa descoberta arqueológica. Lá eles se deparam com uma estranha criatura, misto de homem e anfíbio, que vem atacando pessoas na região. Tem início uma aventura no estilo *King*

*Kong* ou *A bela e a fera*, com o monstro irremediavelmente atraído pela mocinha.

O filme de Jack Arnold traz cenas memoráveis como a do nado de Kay (Julia Adams) na lagoa, espelhado pela criatura submersa. Esse episódio notadamente erótico, “uma representação estilizada de relação sexual”, segundo John Baxter aponta em seu livro *Science fiction in the cinema*, de 1970, é passível de uma bela leitura psicanalítica e traz a matriz do medo explorado anos depois por Steven Spielberg em *Tubarão* (1977). Sensibilidade ecológica e preconceito com relação aos países periféricos, também, estão presentes em *O monstro da lagoa negra*. No conjunto, o filme fornece um discurso colonialista recorrente no cinema até hoje: aquele dos cientistas anglo-saxões que levam civilização e esclarecimento a regiões primitivas



Reprodução

Cena do filme de Jack Arnold, *O monstro da lagoa negra*